

Leitura das Mídias em Processo de Formação¹

Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues²

Luciana Barbosa de Freitas³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre um curso de extensão de formação continuada de professores que busca compreender as interfaces entre a Educação e Comunicação. Por meio das linguagens midiáticas e reflexões teóricas o curso Leitura Crítica das Mídias em Processo de Formação é uma das ações do Projeto de Pesquisa intitulado Educação, linguagens midiáticas e cultura digital: interfaces em processos. Analisar os elementos da tríade educação, comunicação e mídia na formação docente requer compreender que a sociedade contemporânea exige cada vez mais a leitura das narrativas a partir das linguagens midiáticas.

PALAVRAS-CHAVE

Educação; Leitura Crítica; Linguagem Midiática; Narrativa.

INTRODUÇÃO

O Grupo Gente - Grupo de Estudos Novas Tecnologias e Educação, criado em 1995, ao longo dos últimos anos, tem expandido e desmembrado suas ações em diferentes espaços, com a perspectiva de efetivar-se como um campo de investigação acerca das temáticas que envolvem as tecnologias educacionais, mídia e educação, comunicação e educação. Os seus desdobramentos teóricos e práticos tem se constituído como espaço de reflexão sobre educação, informação e comunicação.

Para compreender quais as interfaces entre Educação e Comunicação por meio das linguagens midiáticas em diferentes processos de formação, o Grupo Gente está desenvolvendo o Projeto de Pesquisa intitulado "Educação, linguagens midiáticas e cultura

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Educação e Coordenadora do GENTE - Grupo de Estudos Novas Tecnologias e Educação, e-mail: cleideacr@gmail.com.

³ Mestre em Comunicação, Professora Substituta da Faculdade de Educação/UFG e Professora de Formação de Professores da Rede Pública de Educação do município de Goiânia, e-mail: lubfreytas@gmail.com.

digital: interfaces em processos", com perspectiva de realização entre os anos de 2014 e 2017.

Com o propósito de compreender as interfaces em processos de formação a partir da relação "Educação, linguagens midiáticas e cultura digital", o projeto está estruturado para ser desenvolvido em cinco fases.

Uma das ações do projeto é o curso de extensão intitulado *Leitura Crítica das Mídias em Processo de Formação*, com carga horária de 40 horas (entre atividades presenciais e a distância). O referido curso destinado a professores e alunos de ensino superior teve como objetivo promover práticas de leitura reflexiva das linguagens midiáticas em espaços educativos formais e não formais.

E é justamente sobre o resultado desta ação que este texto abordará as reflexões acerca da formação docente sob a luz do binômio: Educação e Comunicação.

A TRILOGIA: EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS

No cenário atual, a discussão acerca das tecnologias tomarem o lugar de professores em seu contexto educacional não tem mais sentido. Ao longo dos últimos anos, muito se tem discutido sobre este tema e o que se percebe é que essa questão se tornou um mito. Buckingham (2000, p, 53) explica que

a ideia de que a tecnologia em si mesma transformaria radicalmente a educação – e até mesmo resultaria no fim da escola – não passou de ilusão. A escola provavelmente continue, ela serve a funções sociais (e de fato econômicas) que não se limitam ao seu papel com o ensino: historicamente, ela tem funcionado também como agência de cuidado da criança. Todavia, a escola não pode dar-se ao luxo de ignorar o papel cada vez mais significativo que a mídia digital passou a desempenhar na vida da maioria dos jovens.

Diante desta realidade, percebe-se que cada vez mais, as tecnologias e as diversas mídias, tão disponíveis no cotidiano de todos nós, podem contribuir de modo significativo com o processo pedagógico, sendo aliadas de novos processos de construção do conhecimento, ou seja, se tornando muito mais como um complemento para a prática pedagógica do professor do que para substituí-los.

Para Santaella (2012) a educação formal não vai acabar, ela é cada vez mais importante. Porém, a autora destaca que quando alguém vai além da informação, da troca de informação, ela passa de uma aprendizagem de indivíduo para, também, coletiva. Assim, pode-se afirmar que os espaços informacionais também contribuem com a formação do indivíduo.

Entretanto, é imprescindível que os professores se conscientizem que têm alunos contemporâneos, o que significa dizer que

[...] a infância contemporânea está permeada, em alguns sentidos até definida, pela mídia moderna – através da televisão, do vídeo, dos jogos de computador, da Internet, da telefonia móvel, da música popular e pelo leque de commodities ligadas à mídia que formam a cultura do consumo contemporâneo (BUCKINGHAM, 2000, p, 16).

Para Buckingham (2010, p. 51) "é importante enfatizar que o conhecimento da mídia envolve tanto *escrever* quanto *ler* a mesma mídia". Neste sentido, é interessante ressaltar que não basta ter o acesso e manejar as mídias. É preciso que o aluno aprenda ler e interpretar esta mídia de maneira crítica, do mesmo modo deve ser autor de sua própria compreensão, participando ativamente do seu processo de construção do saber.

É neste sentido que nos cabe analisar os processos de formação com as tecnologias, ou com as linguagens midiáticas, a partir de um novo foco, ou seja, se faz necessário também acrescentar o foco da comunicação.

Olhar para o campo da comunicação como aliado do processo de formação não é novidade, Paulo Freire (1983) em seu livro *Extensão ou Comunicação*, defendia que não há ensino e aprendizagem sem diálogo. Para Freire, educar é 'impregnar-se de sentido'. Ora, o que seria diálogo senão comunicação?

Toschi (2011, p. 02) salienta que muitas vezes não percebemos a importância da comunicação. Segundo a autora, "[...] a comunicação é tão importante na vida humana, como é o ar que respiramos [...] como seres sociais que somos, a comunicação impõe-se como ato fundamental no processo social. Somos comunicativos por natureza e por necessidade".

É possível observar que cada vez mais os processos comunicacionais têm adquirido outros sentidos, na medida em que ocorre o desenvolvimento das tecnologias. Barbosa (2011, p. 78) explica que

[...] nos últimos 20 anos, o mundo passou por extraordinárias transformações em função de um estonteante desenvolvimento tecnológico. E a comunicação assumiu a dianteira desse processo: passamos de um mundo analógico a um mundo digital, em que as noções de tempo e espaço mudaram radicalmente.

Transformações que tem impulsionado uma relação intrínseca entre o mundo real e o virtual. Já não se pode mais dizer que são dois mundos, afinal a realidade virtual tem sido a extensão da vida real e cotidiana das pessoas.

E como essa relação se dá no campo da educação? Como tem sido a formação dos professores neste contexto tecnológico, numa sociedade cheia de mídias, que autores como Santaella (2003) denomina de Sociedade da Cultura Midiática?

É perceptível que nesta sociedade midiática o professor tem assumido o papel de mediador da relação entre o aluno e o conhecimento. Os alunos não apresentam grandes dificuldades em utilizar as mídias, os telefones móveis, os jogos eletrônicos, as redes sociais, o que tem aberto caminhos para as relações sociais virtuais, ampliando a comunicação entre os indivíduos e consequentemente, as redes de aprendizagens entre eles.

Porém, Buckingham (2000, p, 52) explica que "no contexto da educação midiática, o objetivo não é inicialmente de desenvolver habilidades técnicas, nem promover a *autoexpressão*, mas estimular uma compreensão mais sistemática de como funciona a mídia e daí promover formas mais reflexivas de usá-la". A autora Setton (2010) acrescenta que

[...] o aprendizado neste contexto é contínuo, portanto, a competência do professor também ganha novos desafios, conforme destaca a seguir: A competência do professor deve se deslocar no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor se torna um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão em seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens; do incitamento à troca de saberes, à mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem. A proposta é aprendizado contínuo (SETTON, 2010, p. 103).

Deste modo, compreende-se que a trilogia educação, comunicação e mídias têm uma relação intrínseca e juntas fortalecem uma formação mais apropriada para o contexto sociedade atual. Ao compreender a importância desta trilogia, o professor tende a estar mais preparado para proporcionar reflexões e oportunizar aos alunos a construção do saber.

Entretanto, percebe-se que a formação docente, que considere a importância da compreensão desta trilogia, com reflexões sobre as diversas linguagens da comunicação e sobre a usabilidade das tecnologias para além da técnica, do saber usar, que promova uma

educação midiática, não tem sido contemplada nos programas ofertados pelo sistema educacional da rede pública. Como, por exemplo, os cursos ofertados pelo Governo Federal por meio do PROINFO e do Salto para o Futuro, os quais priorizam o saber fazer no uso das tecnologias e das mídias.

E foi com este propósito que o curso aqui citado buscou construir como terceira via de formação, isto é, a abordagem de formação para as mídias e de leitura crítica das mídias, constitui a leitura e produção de narrativas midiáticas. Contando com a participação de professores e alunos do ensino superior, a proposta do curso favoreceu momentos de discussão e reflexão acerca das narrativas midiáticas. Na primeira turma, o foco das discussões foi sobre o uso das linguagens midiáticas, ampliando a compreensão do que significam comunicação, convergência das mídias e linguagens midiáticas.

O texto de Lacalle (2010) utilizado como ponto de partida para discussão dos conceitos de narrativas aborda que as novas narrativas da ficção televisiva e a internet, estão em crescente interconexão, pois

[...] junto com o atrativo que exercem entre os jovens, converteram os espaços de Internet em verdadeiras extensões dos programas, onde os internautas compartilham e retroalimentam suas interpretações mediante a contínua construção e desconstrução de comunidades interpretativas que se conformam e se deformam com a mesma velocidade com a que sucedem a maior parte dos programas (LACALLE, 2010, p.90).

Portanto, se isso ocorre assim, compreendemos que aprender a olhar criticamente para as narrativas midiáticas, tão disponíveis na sociedade atual, é fundamental. Assim, ao construir e desconstruir, compartilhar e retroalimentar suas interpretações pode ocorrer novas concepções do mesmo 'produto', outras vertentes, outros olhares, novas narrativas.

As discussões sobre a cultura da mídia, pesquisa da consagrada Santaella (2012), colaboram com reflexões mais aprofundadas sobre o percurso da mídia desde o século passado, na década de 1970, até os dias atuais. De acordo com a autora, todas as pessoas, de algum modo, em alguma medida, são influenciadas pela mídia.

Estudos da autora Recuero (2009) contribuíram com análises de conteúdos da internet, redes sociais e sites e com a produção de hipertextos. A internet e seus conteúdos ganham espaços cada vez maiores no cotidiano das pessoas, sem que muitos se percebam envolvidos, se apropriam de modo instantâneo e nem sempre compreendem a influência, seja positiva ou negativa, em suas vidas.

As leituras do texto "Para uma leitura crítica da mídia", de Guareschi e Biz (2006) favoreceram a reflexão e análises dos conteúdos disponíveis nas mídias impressas, como revistas, jornais, encartes de publicidade e propagandas. Também, as mídias eletrônicas, como telejornais, telenovelas, filmes e seriados. Por meio destas leituras foi possível "compreender as contradições inerentes à sociedade capitalista para a existência de uma mídia democrática" (GUARESCHI & BIZ, 2006 p.133).

As ideias apropriadas de Sodré (2012), em entrevista ao Rio TV Câmara, no canal do *Youtube*, acrescentou o conceito de sociedade chamada de '*bios* midiático' que atinge as condutas e os desejos de cada um: vivemos numa pressa e urgência que tem a ver com ter outros desejos quando se alcança o anterior. Segundo Sodré, "[...] a revolu o eletrônica   mais radical que a revolu o do motor porque ela mexe com consciências, hábitos estilos de vida". Ele acrescenta que "[...] a informa o   o solo de que   feita a sociedade contemporânea, e falamos cada vez mais com máquinas, as máquinas falam cada vez mais entre si". Neste sentido, o autor destaca que o computador tem se tornado sujeito, ele tem discurso de informa o, só lhe falta o afeto. Segundo o autor, as dimensões do afeto a que se refere são o sentir, o ver e o ouvir.

De acordo com Sodré (2012) entendemos que a forma o do professor muda neste contexto da sociedade da média, em que a escola ao apropriar-se das tecnologias digitais contribui para, "forma o de cabeça,  tica, psicológica" do indivíduo. A abordagem de forma o docente que se apropria das ferramentas tecnológicas e utiliza o contexto das mídias para reflexão e leitura do mundo está voltada para uma "aprendizagem" numa sociedade midiática, isto  , uma educa o midiática.

As atividades de produ o de narrativas utilizando diferentes tipos de linguagens sonoras, imagéticas e textuais, foram finalizadas com a elabora o de uma proposta de interven o pedagógica nos espaços de atua o dos participantes.

Quando o Grupo GENTE organizou o planejamento dos conteúdos da segunda turma, o que mudou em rela o   turma anterior, foi justamente no sentido de vivenciar mais atividades com as ferramentas da linguagem midiática na elabora o de narrativas. A proposta nesta segunda etapa buscou entender as narrativas midiáticas, nas imagens est ticas e em movimento e como a média converge a partir dos processos culturais, acrescentando o conceito de cultura da convergência defendida por Henry Jenkins (2009).

Este atual conceito possibilita entender que seus processos "acontecem no momento em que o indivíduo recria, em sua vida cotidiana, as mensagens e as experiências em

conjunto com as mensagens que chegam da mídia - e que ele, por sua vez, pode 're-criar' tais informações. Com este entendimento pode-se dizer que a autonomia, a autoria, a construção de conteúdos, podem favorecer o que Martino (2014, p. 38) chama de 'narrativas *transmídia*', "[...] uma maneira de contar uma história em várias plataformas, passando por cinema, televisão, internet e games". Acrescentam-se as narrativas construídas nas redes sociais, *blogs* e *microblogs*, as histórias em quadrinhos, os *hipertextos*, para além do audiovisual.

Neste sentido, a importância de se realizar uma leitura crítica das linguagens midiáticas e ao mesmo tempo construir conteúdos com mais qualidade, possibilitando a uma aprendizagem midiática para a sociedade midiaticizada como afirma Braga & Calazans (2001).

As reflexões de Leandro Karnal (2016), em entrevista à Revista Pazes, também contribuíram para os estudos do curso de extensão em sua segunda edição, quando fala sobre os vários desafios da atuação do professor, ele nos lembra que:

O mundo está permeado pela televisão, pela Internet, pelos jornais, pelas revistas, pelas músicas de sucesso. A escola e a sala de aula precisam dialogar com este mundo. Os alunos em geral não gostam do espaço da sala porque ele tem muito de artificial, de deslocado, de fora do seu interesse. Usar o mundo da comunicação contemporânea não significa repetir o mundo da comunicação contemporânea; mas estabelecer um gancho com a percepção do meu aluno (KARNAL, 2016, p. 01).

Portanto, pode-se dizer que a tríade educação, comunicação e mídia são campos que devem permear o olhar e a prática pedagógica do professor. Afinal, tudo aponta para que o professor assuma uma postura, uma atuação, um novo jeito de atuar que considere à priori o aluno contemporâneo, que vive permeado de tecnologias e linguagens que convergem em uma cultura das mídias, em que a dinâmica e a inovação de olhares está sempre presente.

O CURSO LEITURA CRÍTICA DAS MÍDIAS EM PROCESSOS DE FORMAÇÃO

Para a realização do curso de extensão "Leitura Crítica das Mídias em Processos de Formação", em suas duas edições (2014 e 2015), a Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás, disponibilizou a sala do Laboratório de Tecnologias e Educação Inclusiva (LABIN). Foi neste espaço que aconteceram os encontros presenciais,

havia à disposição suporte técnico como projetor multimídia, caixa de som, notebooks com softwares instalados, Linux e Windows, e acesso à internet banda larga.

O curso discutiu temas como: linguagens midiáticas em processo de formação; leitura, comunicação, mídias e tecnologias; linguagem midiática como produção cultural e projetos sobre: mídia e educação escolar; novas linguagens na educação infantil; leitura escrita de adolescentes na internet e na escola, a narrativa da imagem; tecnologias na formação de professores e; redes sociais e práticas escolares.

A opção por utilizar uma plataforma para repositório dos conteúdos do curso favoreceu, também, a comunicação com os participantes. Para tal, foi escolhida a ferramenta *blogger*, um dos serviços gratuitos do *Google*, e nas duas edições os registros e material proposto estavam disponíveis no endereço <http://gentefeufg.blogspot.com.br> para os participantes assistirem aos vídeos e download dos textos.

Na primeira edição foram inscritos 23 participantes, destes 60% concluíram o curso. As justificativas para a desistência foram diversas, dentre elas: problemas de saúde; acúmulo de tarefas em seu ambiente de trabalho; arrumou emprego no horário dos encontros presenciais; não conseguiu conciliar os estudos da Faculdade com os estudos do curso, se sobrecarregando de atividades, algumas pessoas evadiram do curso e não deixaram justificativas.

Na segunda edição foram confirmados para o início do curso 20 participantes, destes 85% participaram até o final do curso. Dentre as justificativas para a desistência, um participante apontou que conseguiu um emprego e não foi possível conciliar com o horário do curso, outras duas pessoas não deram justificativas.

De modo geral, é interessante destacar que, segundo relato dos cursistas, o curso atendeu as expectativas da maioria dos participantes. Dentre elas podemos citar: aquisição de novos conhecimentos, novas formas e hábitos de leituras, aprimoramento dos conhecimentos; conhecimento dos diversos recursos que podem ser aplicados na Educação; oportunidade de aprender em grupo compartilhando experiências e vivências; contribuição com a formação pessoal e profissional; aquisição de novas experiências e conhecimentos através das mídias na minha área de atuação que é a Educação, especificamente a Educação Infantil; enriquecimento dos conhecimentos acerca das mídias e seus usos formais e informais relacionando-os à formação cultural em geral para depois focar na realidade infantil; discussão sobre o uso crítico das mídias e gerar conhecimento para contribuir com

o trabalho docente no qual faz uso da mídia para potencializar o ensino e a aprendizagem da matemática.

Em ambas as edições foram aplicadas questionários *online* de avaliação. Neste espaço os participantes avaliaram os seguintes aspectos: conceitos gerais sobre Tecnologias, Mídias e Cultura Digital, além de discussões e reflexões acerca das temáticas debatidas ao longo do curso. Também foi aberto espaço para que os participantes pudessem dar sugestões e tecer comentários acerca do curso.

É interessante observar que o mesmo curso, com a mesma proposta reflexiva, ofertado em turmas diferentes, com participantes diferentes, trouxe perspectivas, também, diferentes. O resultado das atividades realizadas na primeira edição difere da segunda quanto à dimensão de usabilidade de ferramentas midiáticas.

Enquanto o primeiro grupo focou na elaboração de um projeto de mídias, os participantes tiveram uma atuação mais pró-ativa, tinham menos receio de trazer suas contribuições sobre os temas em discussão, um participante impulsionava o outro a também falar, refletir, olhar para o objeto com questionamentos. O segundo voltou-se para a exploração de linguagens midiáticas por meio de ferramentas tecnológicas tais como as histórias em quadrinhos (*online*) e a produção audiovisual, com participantes mais tímidos e com receio de falar alguma coisa 'errada', ficavam mais calados, introspectivos. Porém, realizavam as atividades propostas, não tiveram faltas significativas e trouxeram resultados e produções interessantes ao final do curso. O envolvimento dos participantes superou o receio de muitos nas atividades de autoria por meio de história em quadrinho, a captura e produção de vídeos.

Isso nos trouxe questionamentos: afinal, é possível atribuir que uma turma foi melhor que a outra? Em quê? Em nossas reflexões, percebemos que não são melhores ou piores, são diferentes. E são diferentes por diversos motivos, um deles é porque cada pessoa é única e cada um traz consigo seus valores, suas crenças, sua concepção de mundo, sua linguagem, sua compreensão teórica.

Então, fazendo uma analogia com a sala de aula, num espaço formal de ensino, os alunos do ensino formal também são únicos. E cada um compõe um grupo, uma turma que vai agir de modos diferentes, ou não, mas terão sempre o seu olhar específico, mesmo que coletivo. Acontecendo o que Santaella (2012) aponta como a passagem de uma aprendizagem de indivíduo para, também, coletiva.

Ainda se apropriando da abordagem de reflexões de Santaella esta proposta de formação continuada tem como exercício a construção da cultura digital, não como mero domínio e manipulação dos recursos tecnológicos e midiáticos, mas como uma educação de convergências das linguagens midiáticas.

CONSIDERAÇÕES

Entende-se, aqui, que a proposta de compreender as interfaces em processos de formação a partir da relação educação, linguagens midiáticas e cultura digital se concretizam nas práticas cotidianas dos participantes. Uma vez que em diversos momentos relataram o despertar para as formas de leitura, que passaram exercer a partir do curso em questão.

Compreende-se que a abordagem metodológica de problematizar a leitura das mídias a partir do contexto dos sujeitos, sob a luz de elementos teóricos, discussões coletivas e atividades de autoria possibilitaram uma prática pedagógica dos meios, como defende Orofino (2005), foi uma escolha acertada ao definir a metodologia deste curso de extensão.

Neste exercício acadêmico fluíram as formas de interações conceituais e a convergência das tecnologias de informação e comunicação nos processos de aprendizagem de docentes e futuros docentes.

O sentido de interfaces nesse processo de formação não se dá como ferramenta ou recurso, mas como conteúdo e forma por meio das narrativas acadêmicas. Essas por sua vez constituídas de linguagens midiáticas que geram significados e sentidos culturais da relação educação e mídia em processos de formação. Na configuração dessas interfaces as reflexões são constantes e essenciais para a continuidade de novos estudos e pesquisas, tendo sempre o cuidado de discernir ou mesmo de redefinir os conceitos da tríade: **Educação, Comunicação e Mídias**.

Enfim, pode-se afirmar que a intensa evolução das tecnologias digitais proporciona hoje a expansão dos limites da produção cultural por meio das narrativas constituídas de interfaces conceituais, as quais traduzem o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo.

Neste processo de formação a narrativa acadêmica caracteriza as práticas comunicativas presente em nosso dia-a-dia de manifestação de ver, de questionar, de

representar o mundo e seus personagens nesta sociedade midiática. Entende-se que tais relações possibilitam, ainda, formas de o ser humano olhar o mundo e a si mesmo no movimento de transpor o pensamento em relação ao mundo e ao outro. Isto é, expandir seus olhares para além do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. A pesquisa em Comunicação no Brasil: não precisamos ter mais medo do contágio. In: BARBOSA, Marialva Carlos. MORAES, Oswaldo J. (org.). Quem tem medo da pesquisa empírica. 60 anos UNICAP/ São Paulo: INTERCOM, 2011.

BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia L., ARAÚJO, Denise Correia, BRUNO, Fernanda (Org). Imagem, visibilidade e cultura midiática. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BRAGA, José Luiz e Regina CALAZANS. Comunicação e Educação – questões delicadas na interface. São Paulo, Hacker, 2001.

BUCKINGHAM, David. Após a morte da infância: Crescer na era da mídia eletrônica. Cambridge, UK: Polity, 2000.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1983.

GUARESCHI, Pedrinho A. Osvaldo Biz. Mídia, Educação e Cidadania. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2005.

JENKINS, HENRY. Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação; tradução: Susana Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KARNAL, Leandro. Dez Mandamentos do Professor. Revista Pazes: Temática - Psicologia e Comportamento. 2016. Acessado em 28/02/2016, disponível em <<http://www.revistapazes.com/dez-mandamentos-professor>>

LACALLE, Charo. As novas narrativas da ficção televisiva e a internet. Matrizes, São Paulo, Ano 3, n. 2, p. 79-102, jan./jul. 2010.

MARTINO, Luís Mauro. Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2014.

OROFINO, Maria Isabel. Mídias e mediação escolar. Pedagogia dos meios, participação e visibilidade. Cortez, São Paulo, 2005.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009 (Coleção Cibercultura).

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Hipermídia e transmídia: as linguagens de nosso tempo. Conferência realizada durante o 4º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação: comunidades e aprendizagens em rede. Recife, novembro de 2012.

SETTON, Maria da Graça. Mídias: uma nova matriz de cultura. Contexto, São Paulo, 2010.

SODRE, Muniz. Entrevista TV Rio Câmara, 2012. Acessado em: 10/01/2016, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XDcBZF21qMw>>.

TOSCHI, Mirza Seabra. CMDI – Comunicação Mediada por Dispositivo Indutor: elemento novo nos processos educativos. In: LIBÂNEO, José Carlos e SUANNO, Marilza Vanessa Rosa (orgs.). Didática e escola em uma sociedade complexa. Goiânia: CEPED, Editora da PUC-Goiás, 2011.